

Correio Popular  
26-VI-1977

# Reinaldo Dias Leme

Arita Damasceno PETTENÁ

Tarde de junho de 1974. São quase 5 horas do dia 26. Lá fora o espoucar de bombas e o ruído de muitas vozes. O Brasil fazia mais um gol pela Copa do Mundo. Mas ali dentro do Cemitério da Saudade, sob uma chuva doída e persistente, o último adeus a REINALDO DIAS LEME.

Aos 48 anos, ratificando o que dissera um dia em seu poema PROCURA, "já estou muito homem, muito antigo, Dentro desta surdez repleta de pessosas", Reinaldo partia para as paragens do Senhor, que a música do além deve ter ecos mais audíveis que o coração dos homens.

Notícias espalharam-se por este Brasil imenso. Era a manifestação de grandes homens falando de alguém que, na poesia, na imprensa, no microfone, havia sido bem maior que qualquer um deles. Mas Campinas, a sua terra, numa economia de palavras e de sensibilidade, pouco dissera do seu filho, ele que lá fora tanto a enaltecera como locutor de primeira plana da Rádio Tupi e da Nacional do Rio e, sobretudo, em "A Voz da América", em programações para o Brasil, diretamente dos Estados Unidos.

Num cartão de Nova York para Fernando Lobo assim se expressava Reinaldo: "O bêbado é a saudade mais sensível que os bares fornecem, o homem desamado e traído é a saudade vulcânica em busca de albergue."

E' porque muito amasse e porque neste grande amor não fosse correspondido, ele foi muitas vezes essa saudade sensível espalhada pelos bares, o poeta que buscou na morte o albergue derradeiro de todo o seu sentir:

Eu irei por esses caminhos  
tortuosos, humildes ou direitos,  
na sonhada busca dos carinhos,  
disfarçando a tristeza que me invade,  
com os bares e as mulheres que já vi,  
querendo bem a toda humanidade,  
para jamais me recordar de ti...

E Reinaldo não só mergulhou sua tristeza nos versos que enfeixou, quase sempre em sonetos, mas também fê-lo presente nas músicas que compôs, muitas vezes em parceria: "Tanto amor", "Paz de Espírito", "SE alguém disser", "Onde anda você."

Apassionado por Bethoven e Debussy, decorador de fino gosto, formado em primeiro lugar nos Estados Unidos em Arquitetura, ninguém mais que ele sabia construir seus poemas, aliando a cadência do verso ao ritmo melódico da canção, como esta da "Lembrança

QUE a vida de lonjuras se  
desmembre,  
mas que um dia talvez você se lembre  
que eu nem pude chorar sobre os  
seus ombros.

Filho de José Dias Leme, poeta e grande jornalista de Campinas, sobrinho ainda de Aristides Monteiro, considerado um dos maiores poetas de nossa terra, Reinaldo já trazia nas veias o gérmen da poesia, e aos 13 anos já divulgava, no CORREIO POPULAR, o seu primeiro soneto. E produzindo sempre, publicou três livros: "Cânticos da Tarde", "Sinfonia Noturna" e "Pianíssimo". O último, que teria como título "A última Rosa", com prefácio de Vinicius, colheu-o a morte em pleno vigor de sua intelectualidade. Dois anos antes, numa entrevista que concedera a Célia Farjalah, Reinaldo assim se manifestava a respeito de seu tio Aristides: "É uma pena que esta cidade que ele tanto prestigiou e projetou nunca tenha feito um movimento para homenageá-lo condignamente. Ele foi do grupo de intelectuais que fizeram época em 1922, o mais puro, o mais talentoso poeta."

Mal poderia supor Reinaldo que um ano após a sua morte fosse inaugurada, lá na bucólica Joaquim Egídio, uma praça com o seu nome. Lugar verdadeiramente poético. Pássaros... árvores e um vento que, no dizer do poeta, "uiva nos campos sem flor." E lá estávamos nós: os poetas, os representantes das duas academias e do Centro de Ciências, a imprensa falada e escrita. Da Prefeitura apenas os homens humildes que levavam, no caminhão, o que era necessário para a inauguração, inclusive as palmas que se juntaram às nossas no momento de decerrar a placa. Coisa aliás muito natural em Campinas, cidade dita de cultura e da comunicação, que gasta rios de dinheiro com peças pornográficas e troféus avacalhados, que consome verbas enormes em papel e propagandas desnecessárias, que tem em suas secretárias — salvo raríssimas exceções — verdadeiros mobrais, mas que nunca teve para com os seus poetas aquele carinho, aquele reconhecimento que eles merecem pelo muito que fizeram em prol de sua cultura. Haja visto o que fizeram com Guilherme de Almeida, neste últimos meses: cortaram-lhe a verba a que tinha direito como diretor vitalício do museu. De Orlando Carpinho nem se fala. Com um livro de poemas inéditos, muitos deles dedicados a Campinas, que ele tanto amou e de quem foi seu eterno namorado, jamais procurou a cidade das andorinhas, como parcela mínima de gratidão, trazer a público a sua obra. Resta-nos agora perguntar o que fará Campinas para continuar divulgando a poesia de Reinaldo Dias Leme, já que seus livros estão esgotados e "A última Rosa" era seu canto último de amor à terra. Se nada for

(Conclui na pág. 6)

(Conclusão da 4.a página)

feito que fique pelo menos como mensagem derradeira o que dele disse Vidal Ramos, num trabalho bellissimo sobre sua obra e sua vida:

"Como nós nos sentimos recompensados, porque teus versos nos ofereceram a ventura de penetrar tua alma, desfrutar tua ternura, compreender tua solidão, perdoar tua fuga, viajar pelos teus passos, por estradas repletas de pedras, é verdade, tornadas, porém, essas mesmas estradas, em sendas por onde somente passaram uns poucos a quem Deus, a exemplo dos cravos e da coroa de espinhos que crucificaram Cristo, ofertou as dores, os sofrimentos, as angustias, as lágrimas e a ventura imortal de serem... POETAS!

ri  
fi  
pi  
gi  
E  
d

CMP 1.2.2.124  
rme,  
a cé-  
pas-  
ida".  
ante.  
ne-  
nas-  
pós  
que  
de  
ti —  
émie  
le, o  
Bur-  
com  
foi  
pági-  
ade.  
a au-  
inte-  
  
L. O  
clas-  
sta-  
e o  
tade  
n.o  
ra o  
que  
essa  
emi-  
, vi-  
lei  
sua  
  
ção,  
ali-  
de-  
da  
nas.  
ma-  
s e  
(\*).  
de-  
de-  
t.  
que  
a e  
por-  
en-  
seu  
  
opia  
no  
da  
ati-  
cu-  
es-  
fé  
  
ul-  
oa,  
ora  
  
los  
Me-  
—  
  
ido  
a  
gica  
ca-  
uso  
nde-  
por